

CADEIRA N.º 35

Patrono: Tomás Pompeu de Sousa Brasil

Vaga: Falecimento de Carlos Livino de Carvalho

Recipiendo: João Otávio Lobo

Recipendário: Cândida Maria Santiago Galeno

Data da posse: 18 de outubro de 1960

CÂNDIDA MARIA SANTIAGO GALENO. Nasceu na cidade de Russas, filha de Antônio Galeno da Costa e Silva e Cândida de Santiago Galeno. Técnica de Educação pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) do Ministério da Educação, e Assistente Social do Instituto Social de Fortaleza. Dirige a "Casa de Juvenal Galeno" com o maior desvelo e eficiência, mantendo-a sempre à altura de suas tradições de centro de cultura e desenvolvimento intelectual de nosso Estado. Publicou, editados pela Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno: *Naipes* (1953); *Trevo de Quatro Folhas* (1955); *Mulheres do Brasil* (1971); *Antologia Cearense*, 1.^a série (1957) e *Quinteto em Ritmo de Crônica* (1975).

Otávio Lobo

Reúne-se, neste momento, a Academia Cearense de Letras para receber, na qualidade de sócia efetiva, a Cândida Maria Santiago Galeno.

Coube-me o encargo do discurso de recepção. Somente não digo, à maneira de cavaleiro medieval, que me é suave jugo paraninfar a tão gentil senhorinha, em virtude da responsabilidade de falar perante esta Assembléia de escritores e poetas.

De algum tempo para cá, toda vez que me dirijo ao público, sinto um constrangimento interior, uma luta entre o moço do passado e o homem do presente, de cabeça já nevada de cãs e contemporâneo do momento atual.

Percebo, realmente, o conflito entre um mundo que já vai longe e o mundo de hoje, entre a estabilidade da vida antes da primeira guerra mundial e a ansiedade dos dias correntes, entre a segurança e as fórmulas estabelecidas do começo desta era e a inquietação e os imprevistos do descambar deste meio-dia do século, entre uma sociedade que me parecia hígida e esta *society* prenhe de frustrações e açoitada de neurroses, enfim, entre a serenidade do antanho e esta época que desmantela o átomo e brinca de jogar ao espaço satélites artificiais.

Em verdade, para quem nasceu antes das grandes conflagrações mundiais, o tempo de hoje se apresenta tão mudado, que não é comensurável com os padrões antigos.

A evolução científico-industrial, nesses últimos anos, de tanto ir à pressa, tem aproximado, no espaço, gerações que se distanciam, no tempo e no espaço, em muitos decênios.

Daí, o dilema, de molde shakespeariano, de por-se, presentemente, o problema: adaptar-se ou não adaptar-se. Daí, a interrogação, à maneira machadiana, sobre se a mudança é de quem indaga ou dos tempos que perpassam.

Sem dúvida, hoje, mais do que nunca, vão mudando as coisas, os modos de viver, os hábitos, os costumes, a mentalidade, as expressões da arte, do sonho, do ideal. Tudo corre, em um mundo pequenino, em ritmo de ultra-som e ondas hertzianas. E há uma fome de libertação do que passou, do que era fixo e seguro, nessa corrida para descobertas científicas, para novos ideais, para o imprevisto, para o sensacional, para o perigo, para o desconhecido. Prometeu não está mais acorrentado ao Cáucaso. Romperam-se-lhe as algemas e ele anda solto, a atear todas as cobiças na alma da humanidade.

“MUDARIA O NATAL OU MUDEI EU?”

Com a leitura dos contos e crônicas de Cândida Maria Santiago Galeno, a gente sabe responder à pergunta do esteta de *Dom Casmurro*:

— Tudo muda na contingência do Universo. Só permanece a expressão da arte, que é a alma incorruptível das coisas. Seria a vida um desencanto se o efêmero fora perfeito. Que monotonia no planeta, se um dia estancasse a humanidade em perpétuo êxtase de paz e parassem as estações em eterna primavera! Afortunadamente, no cosmos, tudo se transforma.

Perene somente é a sensação de bem-estar que nos infundem as coisas simples, espontâneas e belas.

Esses sentimentos universais, que independem de sistemas científicos, de teorias filosóficas, de escolas literárias, de tudo que se restringe a seitas, grupos e ritos, isso, sim, positivamente, não muda.

Onde quer que eles apareçam, haverá um estado emocional que lhes é correspondente, sempre o mesmo, em qualquer parte, em qualquer tempo.

E quem os experimente é, em verdade, esteta. É o caso de Cândida Maria Santiago Galeno. Quem leia os seus contos e suas crônicas, sente-lhe a claridade das coisas simples, a fluência das inspirações espontâneas e, sobretudo, a impressão de que reflete, sem grandes refrações, no que escreve, o vero estado da alma. As figuras de seus contos, o enredo de suas histórias, a psicologia de suas personagens fazem parte dessa humanidade que, no meio do prosaísmo do tempo, tem laivos românticos e veio de lirismo.

O seu realismo, sabe ela encobri-lo com aquele manto diáfano, que não é propriamente censura freudiana, mas atitude permanente do espírito. Os seus quadros são espontâneos e simples. Não mergulha ela nessas profundezas abissais da alma humana, onde rugem paixões ferozes, onde rosnam e babam instintos enclausurados.

Lendo-se-lhe a obra, tem-se a impressão de penetrar em casa aseada, de janelas abertas, onde tudo é simples, arejado e polido: o vernáculo, o estilo, as motivações, as idéias, e a roupagem com que as idéias reveste, a qual ela, vera artista, talha com elegância e moralidade.

Árdua tarefa é o estudo da psicologia feminina. Verdade sedita, é oportuno sempre repeti-la.

Artistas que o sejam, as mulheres sabem verter, em prosa e verso, maravilhosamente, o que desejam, simulando e dissimulando o que não querem.

Algumas há, contudo, que, por serem de transparentes fios as teias que tramam, permitem aos psicólogos lobrigar-lhes a alma, como aquele poleá que

*“no rosto aberto
Das mulheres e dos varões,
Como em água que deixa o fundo descoberto
Via limpo os corações”.*

Minha impressão é que Nenzinha é uma dessas. Em tudo que escreve revela uma faceta do temperamento, um sainete do caráter, uma fagulha do espírito.

Não quisera, de qualquer maneira, mesmo porque sou péssimo perscrutador de almas femininas, fazer-lhe a psicologia.

Deixemo-la falar, e que os sábios de nossos dias lhe interpretem os segredos da escritura.

Anseios, aspirações e sonhos, Cândida Maria os traslada para suas crônicas e contos. E os sonhos, dizem esses senhores da ciência oficial do inconsciente, expressam a realização de nossos desejos. O que é preciso é traduzi-los.

Em “Almas que se disfarçam” ela não disfarça o seu protesto contra alguém que a não entende.

Para compreendê-la, escreve, só um “escafandrista de almas, afeito a ver, não através do rosto e das atitudes fisiológicas, mas por uma minúcia, às vezes mínima, por uma inflexão mais profunda da voz, por um reflexo de olhar menos vago que façam entrever uma nesga da alma verdadeira que lhe dorme no íntimo”. E quando esse alguém lhe é mudo à música interior e indiferente à paisagem do espírito, vinga-se deliciosamente dessa alma que, embora *gêmea de sua alma*, contudo, lhe não vibra em harmonia.

“O Homem de Cinza”, trajado de cinza, é uma metáfora com que exprime essa névoa, essa poeira que se antepõe aos

sentidos de quem é incapaz de adivinhar-lhe a linguagem do coração.

E cinza é indiferença, é dúvida, é a cor dos restos da morte. *Memento homo quia pulvis es.*

Contrastando com a simplicidade de seus temas, Nenzinha tem às vezes a volúpia de movimentar as figuras de sua ficção em enredos que se desenvolvem, quase sempre, ao ar-repio do que se deseja e se espera. É uma espécie de refração psicológica. Entre o mundo interior e a realidade objetiva, as idéias e os sentimentos, que se exteriorizam, se refrangem, como na Física, as imagens dos corpos, em meio líquido. Perdoem-me os sonhadores, os poetas essa comparação rasteira, pois, no mundo da psicologia feminina, aí também há muita coisa *que nossa vã filosofia ignora.*

Em "Presença", narra-nos Cândida Maria o drama sentimental de Consuelo, essa mártir do amor mudo. A paixão por Armando arde-lhe o peito e dessa febre nada transparece, nem no gesto, nem no olhar.

Ciente do casamento e da felicidade de Armando, ela continua ainda mais apaixonada e mais taciturna. O martírio só lhe não deu a auréola de santidade porque lhe deixou, em carta póstuma, a revelação de amor.

"A Filha" é outro conto em que os fados — sempre uma circunstância adversa — contrariam a ventura de duas almas gêmeas que se completam, na expressão da escritora. É o caso de Flávio e Marina — esses gênios harmônicos a quem a sorte traçou rumos diversos.

Ele, infeliz e arrependido, ela, conformada, mas dessa conformação que se emociona, se enleva e chora com saudade do amor perdido.

"Romance sem Palavras" é uma exaltação ao amor que se não realiza, no idílio do limpador de trilhos e da linda garota Sílvia. Ela compraz-se em ser-lhe aurora; ele se conforma em ser o *bicho da terra tão pequeno*, do poema camoniano, contanto que contemple a sua estrela. *Encontro de Inverno* fixa uma nesga da vida sentimental de Graziela. Em manhã de chuva, indo rua afora, abriga sob a asa de seu guarda-

chuva uma pequenita que sobraça um cacho de flores artificiais. Mas a criança era um símbolo de alguém que outrora a acolhera, sob a mesma proteção, em um dia de impertinente neblina. E esse alguém se foi, deixando-a, assim, naquele enleio de quem fica a esperar.

Em "A Alma da Montanha" parece-me que Cândida Maria se panteíza na argila, na rocha, na vegetação da serra, injetando-lhes a alma, ou melhor, sepultando, nos altiplanos, anseios, exaltações, sonhos que lhe não foram compreendidos.

Não sei se os psicanalistas têm razão. Eles explicam: quando corremos atrás de uma ilusão que se não alcança, vem o sonho e realiza nossos desejos. . .

Quando se termina a leitura das crônicas e contos de Nenzinha, tem-se a impressão, nesta trepidante civilização da máquina, do jato, da energia nuclear, da cibernética, da neurose e greves coletivas, de quem vem de uma estação de repouso, em uma nesga de praia dos verdes mares bravios.

E, por associação de idéias, sente-se que Cândida Maria Santiago Galeno, romântica e lírica, vem deslizando em pando barco e cantando:

*Minha jangada de vela,
Que vento queres levar,
Tu queres vento da terra
Ou queres vento do mar?*